



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE ANGICOS
CURSO DE INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2025**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E APOSTAS DE RISCO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE
UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO NO RIO GRANDE DO NORTE:
UM ESTUDO DE CASO**

Ronald de Sousa Nunes*

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre a falta de educação financeira e o crescimento exponencial das apostas *on-line* entre estudantes de uma Universidade do Rio Grande do Norte. O presente estudo tem como objetivo principal observar a forma como os discentes se envolve em apostas com sua gestão financeira, além de também identificar quais os prejuízos mais importantes que decorrem do hábito de aposta e suas percepções sobre a importância da educação financeira. Esta pesquisa aborda uma natureza de forma aplicada, fazendo uso de uma metodologia quantitativa e com caráter descritivo, desenvolvida a partir de um *estudo de caso* e *survey*. A pesquisa foi realizada com estudantes de uma instituição de ensino superior, contando com a participação de 51 discentes, por meio da aplicação de um questionário estruturado com 22 questões fechadas, aplicado de forma remota e anônima por meio do *google forms*. O discente ao responder o questionário, não foi identificado. A coleta de dados ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2025. Os resultados indicam que, embora a maioria dos estudantes declare conhecer o conceito de educação financeira, há dificuldades significativas na aplicação prática desses conhecimentos, o que favorece a ausência de planejamento, comportamentos impulsivos e maior vulnerabilidade a influências externas relacionadas às apostas *on-line*. Os resultados apontam que 45,1% dos discentes da amostra relataram já ter participado de apostas *on-line*, evidenciando efeitos negativos associados à prática. Foi considerado que a falta de formação em educação financeira pode gerar grupos de comportamento de risco entre os universitários, o que fortalece a precisão de tomadas de ações financeiras, como disciplinas, oficinas e até mesmo campanhas de conscientização para diminuir esses impactos negativos das apostas *on-line*.

Palavras-chave: Educação financeira. Apostas *On-line*. Universidade. Comportamento financeiro. Vulnerabilidade financeira.

1 INTRODUÇÃO

Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconheça a educação financeira como um tema transversal a ser desenvolvido ao longo da educação básica, sua implementação prática ainda enfrenta desafios no contexto escolar brasileiro. A abordagem transversal, ao depender da articulação entre diferentes áreas do conhecimento e da iniciativa pedagógica dos docentes, nem sempre se concretiza de forma sistemática e contínua no cotidiano das escolas. Como resultado, muitos estudantes concluem o ensino fundamental e médio sem desenvolver plenamente competências relacionadas ao planejamento financeiro, à avaliação de riscos e à

* Aluno do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal Rural do Semi-Arido (UFERSA), Campus Multidisciplinar de Angicos (CMA).
Orientador: Prof. Dr. André Luiz Sena da Rocha (Departamento de Engenharias – UFERSA/CMA).

tomada de decisões econômicas conscientes, o que evidencia um descompasso entre a orientação normativa da BNCC e a realidade da formação oferecida (Sousa et al., 2023).

Conforme destaca Machado (2011), a ausência da educação financeira nas etapas do ensino fundamental e médio representa uma lacuna formativa significativa, sobretudo no ensino público. Essa deficiência compromete a formação dos estudantes para lidar de forma consciente e crítica com questões relacionadas ao consumo, ao planejamento financeiro e à tomada de decisões econômicas, tornando-os mais vulneráveis ao endividamento, à impulsividade financeira e à adesão a práticas de risco, como as apostas *on-line*.

Dentro dessas vulnerabilidades, salienta-se o crescimento exponencial das apostas *on-line* (*bets*) no Brasil. Conforme destacado por Duque (2024), o consumo desses jogos de azar registrou um aumento de 281% a partir de 2019. Esses acontecimentos não são de um “passatempo” qualquer, mas apresenta consequências sociais de alto risco, como, por exemplo, usuários que estão deixando de comprar alimentos básicos para usufruir mais desses vícios, contudo, a geração mais jovem foi a que mais fez apostas *on-line* em 2023, sendo que, quanto mais jovem for usuário, maior é esse tipo de comportamento.

Nessa situação, a promessa de ganhos rápidos e fáceis oferecida por essas plataformas entra em conflito com a matemática financeira. Segundo Laves (2024), quando se busca esses conhecimentos em educação financeira, é possível formar pessoas críticas, onde são capazes de questionar o sistema econômico que os circula, e buscar como controlar gastos e fazer planejamentos de longo prazo.

No Nordeste, uma pesquisa realizada pelo o Movimento Econômico (2024) revelou que 65% dos nordestinos afirmam que o dinheiro gasto em apostas faz falta no seu orçamento mensal, o que supera a média nacional de 56%. Além disso, existe 44% das famílias ou pessoas próximas que contraíam dívidas em decorrência dessas apostas, em 49% dos casos, a qualidade de vida foi consideravelmente afetada. Esses dados mostram que esses fenômenos vão além de algo considerado por muitos um “entretenimento”, visto que vem gerando impactos econômicos e sociais, especificamente, em grupos mais vulneráveis financeiramente.

Diante deste cenário, este trabalho tem como objetivo, investigar a influência das apostas *on-line* em estudantes de uma Universidade Federal do Nordeste, identificando os impactos negativos dessas práticas e a possível relação com a ausência de educação financeira formal, investigando também, o desenvolvimento de sua visão crítica sobre o tema e recomendações sobre conscientização de educação financeira, visando assim, a prevenção sobre riscos de jogos de azar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Financeira

A importância da educação financeira, segundo Silva e Monteiro (2023), tem aumentado bastante no Brasil, principalmente na questão de finanças. Sendo assim, na perspectiva dos autores, a definição de educação financeira pode ser descrita como “um conjunto de habilidades, atitudes, valores e conhecimentos que capacitam as pessoas a tomarem decisões conscientes e responsáveis sobre seus recursos financeiros, visando a realização de seus objetivos profissionais e pessoais”.

A educação financeira prepara para administrar melhor suas finanças, planejamento e a seleção de produtos financeiros adequados às suas necessidades e perfis. A educação financeira traz a reflexão e a crítica sobre o consumo de endividamento, auxiliando as pessoas a se prevenir do endividamento excessivo e também da sua tomada de decisão (Silva e Monteiro., 2023).

Silva e Monteiro (2023) destacam que a educação financeira é fundamental para ampliar o entendimento dos indivíduos sobre operações financeiras, como empréstimos, investimentos

e a escolha consciente de produtos financeiros, contribuindo para o planejamento financeiro e para a melhoria do processo de tomada de decisão.

De forma complementar, Machado (2011) ressalta que a ausência desse conhecimento ao longo da formação educacional compromete a capacidade dos indivíduos de lidar com situações econômicas complexas, aumentando a exposição ao endividamento e a práticas financeiras inadequadas. Ademais, a educação financeira contribui para a proteção da população contra o superendividamento, a assunção de riscos excessivos e a exposição a fraudes financeiras, inclusive em ambientes digitais.

2.2 Educação financeira nas escolas

A educação financeira é uma habilidade fundamental que se for enfatizada na formação escolar do ensino fundamental ao médio pode ser um gerador direto de bem estar econômico. Porém, segundo a Agência Brasil (2023), cerca de apenas 35% de pessoas adultas brasileiras possuem tais conhecimentos básicos sobre educação financeira e finanças pessoais, o que demonstra que grande parte da população do País ainda enfrenta desafios para compreender o conceito de juros, poupança, endividamento e inflação, o que influencia consideravelmente a capacidade de planejar e tomar decisões conscientes.

Com base no que a Agência Brasil (2023) retrata, a ausência de uma educação financeira básica desde os primeiros anos de vida escolar é um dos principais fatores que demonstra o baixo nível de estudo financeiro do país. Várias pessoas se tornam adultas sem compreender o funcionamento do crédito, dos investimentos e da importância de manter seu orçamento mais equilibrado. Essa falta de conhecimento causa consequências de endividamento financeiro excessivo e na sua falta de um planejamento futuro.

A educação financeira deve ser abordada já na infância e vida escolar da população brasileira, tomando por base que esse seja o momento ideal para influenciar o comportamento das crianças. Com essa abordagem nas escolas, isso poderá ajudar os universitários a planejarem o uso de seu dinheiro, concentrar nas ações, nos conhecimentos, habilidades e no comportamento individual para que eles sejam capazes de realizar uma melhor administração dos seus recursos (Soares Júnior et al., 2021).

No Brasil, a educação financeira ainda não apresenta um nível de consolidação equivalente ao observado em outros contextos internacionais. Segundo Vieira et al. (2011), no país existem apenas algumas iniciativas independentes por parte das instituições públicas e privadas que contribuem para informação do consumidor, porém, a população está refém sobre essas decisões de mercado. Um dos motivos desse atraso está atrelado ao passado cultural e histórico do país, durante vários períodos, a economia foi marcada por altas taxas de inflação e constantes movimentos monetários, o que levou as pessoas a tomarem pequenas decisões sobre a falta de planejamento.

Soares Júnior et al. (2021) destacam que, no Brasil, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) foi criada com o objetivo de promover a educação financeira e previdenciária, contribuindo para o fortalecimento do sistema financeiro nacional e para o estímulo ao consumo consciente. Segundo os autores, uma das principais ações da ENEF consiste na inserção da educação financeira no ambiente escolar, em consonância com as recomendações da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Ainda na perspectiva de Soares Júnior et al. (2021), essas diretrizes enfatizam a importância de uma abordagem voltada às finanças pessoais, visando à formação de hábitos e comportamentos financeiros mais conscientes entre jovens e adolescentes.

Com a abertura da economia a partir de 1990 e a estabilização da moeda real em 1994, além das contribuições para a redução da inflação, fazendo com que a sociedade tenha uma visão sobre o que é gestão financeira e também, uma mudança cultural no aprendizado e vida pessoal, obteve como resultado o aumento do poder aquisitivo, do crédito e o alongamento dos

prazos de financiamentos, além do aumento do consumo e de poupar investimento (Vieira et al., 2011).

A educação financeira nas escolas é responsável por promover conscientização nas crianças, que um dia serão adultas, para que possam planejar melhor o seu dinheiro e ter uma boa relação de equilíbrio com o seu dinheiro, até mesmo como adotar boas decisões sobre finanças e consumo. Quando há essa conscientização nos fatores internos e externos que influencia as suas escolhas, a educação financeira pode ajudar a equilibrar as necessidades e o seus desejos de consumo com objetivos de formar a estimular a poupar dinheiro (Soares Júnior et al., 2021).

Com base no que Vieira et al. (2011) abordam, “é possível estabelecer uma relação comparativa entre uma organização e vida de uma pessoa, uma vez que ambas precisam de administração, e a correta tomada de decisões tem como consequência a execução em seus empreendimentos”. Dessa forma, é válido reconhecer o grau de importância de se ter uma boa gestão financeira, tanto para a sociedade, como para cada indivíduo. Os autores acrescentam:

A educação financeira também possui relevância por ser um assunto bastante presente no cotidiano das empresas e pessoas, e por ser ainda pouco discutido pela população brasileira, por despertar pouca atenção nos meios acadêmicos e pela necessidade de ampliar o desenvolvimento do conhecimento refletido pela baixa produção acadêmica e publicações científicas. (Vieira et al., 2011, p. 03).

Arevalo (2023) considera que a educação financeira pode beneficiar todas as pessoas de diferentes idades, independentemente do nível de renda. Inclusive, para as pessoas mais jovens que estão começando no mercado de trabalho, pode atuar como uma ferramenta básica de planejamento e poupança, de modo que suas despesas e dívidas fiquem controladas. Estudos recentes feito com o autor, o Brasil está na posição 74^a no nível de educação financeira entre 144 países, com mais de 150 mil adultos. O Brasil está atrás de países do continente africano como Madagascar, Togo e Zimbábue.

Foi observado que 40% dos brasileiros não poupam nada, enquanto outros 10% não se preocupam em poupar nada. Além disso, a educação financeira não é uma ferramenta presente na vida de grande parte dos brasileiros, uma vez que 45% deles não tem controle financeiro (Arevalo, 2023).

Soares Júnior et al. (2021) destacam que a orientação em educação financeira desde as fases iniciais da formação dos indivíduos contribui para uma organização mais estruturada das finanças pessoais ao longo da vida. Contudo, os autores apontam a existência de barreiras culturais e sociais para a disseminação desse conhecimento, uma vez que muitas famílias não possuem preparo adequado para tratar do tema, reflexo, em parte, de períodos de instabilidade econômica anteriores ao Plano Real. Além disso, os autores ressaltam que a ausência da educação financeira de forma sistemática no ensino fundamental e médio dificulta a consolidação desse aprendizado. Nesse contexto, a escola é apresentada como um espaço estratégico para abordar a educação financeira, embora ainda persista o desafio de ampliar a participação da família no processo de alfabetização financeira e de superar padrões associados a uma cultura de consumo excessivo.

2.3 Educação financeira e apostas *on-line*

Segundo a análise apresentada por Soares Júnior et al. (2021), para que haja um sistema eficiente sobre educação financeira é preciso ter o alinhamento entre Estado, escola e família. O Estado oferecendo apoio às escolas, para que ocorra a ampliação e capacitação dos indivíduos. A escola precisa alfabetizar financeiramente os discentes, como uma disciplina durante a trajetória escolar, sendo desde do ensino fundamental, até o ensino médio. A escola

precisa inserir a família nesse contexto, para que a mesma possa absorver tais conhecimentos, para que assim, a família seja capaz de educar financeiramente.

A organização da saúde reconhece o vício em apostas como uma doença. Neste cenário, a ‘ludopatia’ está registrada na classificação internacional de doenças. Pesquisas apoiadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), indicam um aumento significativo da incidência de problemas relacionados às apostas, ainda mais com a expansão de plataformas digitais de apostas (Alves et al., 2025). Jovens e universitários emergem como grupos mais vulneráveis e ativamente dentro do mundo digital: 70% dos universitários brasileiros com idade de 21 anos são apostadores regulares, sendo que 42% desses jovens, enfrenta dificuldades financeiras originadas dessas práticas.

Dentro desses cenários, há uma preocupação, pois, a fase universitária é um momento decisivo de formação de hábitos financeiros e desenvolver economia. Devido a isso, nota-se a fragilidade estrutural no ensino de educação financeira no Brasil, ainda mais no âmbito universitário. A não ser em cursos específicos da área econômica, nos demais, as matrizes curriculares não contemplam esses conteúdos nas disciplinas específicas voltadas para gestão financeira pessoal ou para compreensão da crítica de riscos associados a investimentos e apostas (Alves et al., 2025).

A maioria das pessoas tomam decisões financeiras por vieses cognitivos e atalhos mentais, ao invés de análises puramente racionais. Com base nisso, os fenômenos conhecidos como ‘falácia do jogador’ (ideias erradas de que eventos passados afetam as chances futuras do jogador) e ‘efeito do enquadramento’ (a forma como as opções são apresentadas pode influenciar as decisões) podem ajudar a entender o motivo de muitos jovens continuarem apostando, mesmo depois de ter diversas perdas (Alves et al., 2025).

Campos et al. (2024) aponta que os sites de apostas têm se tornado cada vez mais populares no Brasil em tempos atuais, sendo a mais comuns, as apostas esportivas, popularmente conhecidas como *bets*. O número de sites de apostas cresceu mais de 360% no Brasil em 2020 e 2022. O número de empresa abertas cresceu de 51 para 239, tendo nos primeiros três meses de 2023, mais de 60 empresas abertas. Entre clubes da série A de campeonatos brasileiros de futebol, 19 dos 20 times recebem patrocínio do segmento, como observado na Figura 1.

Figura 1: Camisas dos clubes brasileiros da série A com seus respectivos patrocínios de casas de apostas.



Fonte: Poder 360 (2024).

As casas de apostas têm muita frequência nas notícias, desde 2023 até 2024, especialmente em razão dos debates relacionados à regulamentação e à tributação dessas atividades, popularmente conhecidas como “jogos de azar”. Em dezembro de 2023, a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei que estabelece a alíquota de 15% de imposto de renda para ser cobrado sobre o prêmio líquido das apostas. Com esse projeto de lei, as empresas de

apostas serão tributadas pelo imposto de renda em 12% do faturamento bruto (Campos et al., 2024).

A prática de apostas entre jovens universitários tem sido frequentemente associada a formas de entretenimento e socialização, passando a integrar, em muitos casos, a rotina acadêmica. No entanto, esse comportamento pode impactar negativamente o desempenho estudantil e a saúde mental dos estudantes, uma vez que a pressão acadêmica, somada aos riscos inerentes aos jogos de azar, pode contribuir para o desenvolvimento de sintomas como ansiedade, estresse e depressão. Assim, mesmo quando percebidas como atividades de lazer, as apostas podem desencadear consequências adversas, incluindo o transtorno do jogo e outros prejuízos psicossociais (Guerra, 2025).

Para ilustrar a abrangência das apostas esportivas no cotidiano brasileiro, dados do Banco Central do Brasil indicam que cerca de 24 milhões de pessoas físicas participaram de jogos de azar e apostas no país, concentrando-se, majoritariamente, na faixa etária entre 20 e 30 anos, com um gasto médio mensal em torno de R\$ 100,00. Observa-se ainda que, à medida que a idade dos apostadores aumenta, o valor despendido tende a crescer, podendo atingir cifras próximas a R\$ 3.000,00 mensais. Outro aspecto relevante refere-se à participação de beneficiários de programas sociais nesse contexto, uma vez que aproximadamente 5 milhões de indivíduos vinculados ao Bolsa Família destinaram, em 2024, cerca de R\$ 3 bilhões a empresas de apostas esportivas. Esses dados evidenciam que famílias de baixa renda figuram entre os grupos mais impactados pela atividade de apostas, sugerindo que a promessa de ganhos rápidos pode exercer maior atratividade sobre populações em situação de vulnerabilidade econômica (Guerra, 2025).

Conforme destacado por Khatib (2024), o vício em apostas *on-line* é considerado como um tipo de transtorno de dependência (DSM-5), uma vez que têm características similares como transtornos causados por substâncias, tendo prejuízos para o indivíduo e para a população como um todo. O vício em jogos pode causar vários problemas sociais e pessoais, o que inclui distúrbios psicológicos, estresse de relacionamento, baixa autoestima e dificuldades financeiras.

O Brasil, ainda não tem autoridade oficial e governamental que discuta esses assuntos de apostas esportivas, como por exemplo, nos Estados Unidos, que detém um órgão especializado em dar suporte às pessoas viciadas em jogos de azar. No Reino Unido, o número de jogadores problemáticos é de 0,5%. No entanto, 4% dos questionados foram identificados como jogadores de risco, mais do que o dobro dos números registrados em 2015, especialmente, as populações em idade universitária (Khatib, 2024).

O vício em apostas, denominado ludopatia, é um transtorno mental caracterizado por um comportamento compulsivo e de difícil controle, no qual o indivíduo apresenta uma necessidade persistente de apostar, resultando em prejuízos significativos na vida pessoal, familiar e social. No contexto universitário, observa-se que esse comportamento pode se manifestar de diferentes formas: enquanto alguns estudantes encaram as apostas como uma atividade de lazer ou socialização, mantendo certo controle sobre a prática, outros desenvolvem padrões mais impulsivos, motivados pela expectativa de ganhos financeiros. Nesses casos, as apostas passam a ser percebidas como uma fonte de renda, o que potencializa o comportamento compulsivo e amplia os riscos associados ao transtorno do jogo.

Alves et al. (2025) analisaram 72 estudos realizados entre 1987 e 2016 com mais de 41 mil estudantes universitários ao redor do mundo. Os autores observaram que cerca de 6,13% desses estudantes provavelmente já possui tais comportamento patológicos, enquanto 10,23% são consideradas jogadores problemáticos. Com base nesses números, observa-se que essa questão não vem só de uma país, mas é um desafio global, que precisa ser enfrentado por políticas de saúde pública e programas de educação.

Atualmente, o Brasil lidera esse *Ranking* como um dos países que mais acessam esses sites de apostas do mundo. Só apenas em 2025, foram registrados mais de 14 bilhões de acessos. O aumento desse tráfego *on-line* reflete no crescimento exponencial da popularidade das apostas esportivas no país. Como pode ser constatado na Figura 02, os integrantes do Bolsa Família que apostam em jogos *on-line*, 32% dizem que gastam até R\$100,00 reais ou mais com essa prática, o que muito é um fator de alerta, uma vez que o programa apresenta valor de bolsa de R\$ 600,00 (Governo Federal, 2025), pois esses beneficiários são de baixa renda e o valor gasto nessas apostas é de 15% do valor médio.

Dados secundários apresentados por Campos et al. (2024) indicam que os gastos mensais com apostas variam significativamente entre os beneficiários, com maior concentração em faixas de valores intermediários. Observa-se que uma parcela expressiva dos indivíduos destina até R\$ 100,00 mensais às apostas, enquanto uma proporção menor apresenta gastos superiores a esse valor. Além disso, há registros de indivíduos que não souberam informar ou não responderam sobre seus gastos, o que evidencia a dificuldade de mensuração precisa desse tipo de despesa. Esses dados reforçam a heterogeneidade dos padrões de consumo relacionados às apostas, especialmente entre populações em situação de vulnerabilidade econômica.

Estudos indicam que estudantes universitários apresentam maior propensão ao desenvolvimento de comportamentos associados ao jogo problemático quando comparados à população em geral, especialmente em contextos nos quais há maior envolvimento com esportes e apostas esportivas. Nesse sentido, a compreensão dos fatores que influenciam a intenção e o comportamento dos discentes frente às apostas torna-se essencial para a identificação de padrões de risco, permitindo a formulação de estratégias preventivas voltadas à promoção da saúde financeira e ao bem-estar psicológico desse público (Khatib, 2024).

A partir da aplicação de teorias voltadas à compreensão da tomada de decisão em contextos de risco, Alves et al. (2025) analisaram o comportamento de apostas entre jovens universitários, identificando que as atitudes individuais exercem papel central na formação da intenção de apostar em esportes. Além disso, o controle comportamental percebido mostrou-se um fator relevante para a efetivação desse comportamento, indicando que a percepção de facilidade ou domínio sobre as apostas influencia diretamente a prática. Esses achados evidenciam que o comportamento de apostas não se limita a fatores externos, mas está fortemente associado a crenças e percepções individuais que moldam a intenção e a ação dos estudantes.

3. METODOLOGIA

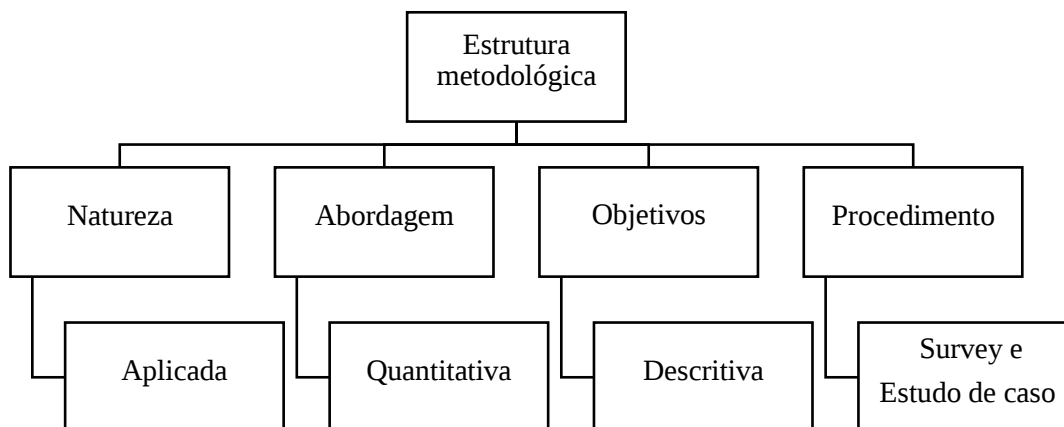
3.1 Classificação da pesquisa

Esta pesquisa apresenta a estrutura metodológica de acordo com a Figura 03. A pesquisa tem natureza Aplicada, uma vez que Prodanov e Freitas retratam que ela objetiva gerar conhecimentos visando na realidade, destinados para resolver problemas reais e particulares em questões de necessidades e de contextos locais. Ainda na perspectiva com os autores, o estudo apresenta uma abordagem quantitativa, pois foi realizado baseado em número de opiniões onde se pode classificá-las e analisá-las.

O estudo tem como objetivo realizar uma pesquisa descritiva, visto que a pesquisa analisou e registrou dados, sem a interferência do pesquisador. Procurou-se descobrir regularidades em fatos que ocorrem, no caso, as causas e as características associadas a outros fatores. Desta forma, para a coleta de dados, utilizou-se um questionário, tendo como procedimento o uso de *survey* e o *estudo de caso*, uma vez que houve uma combinação tanto na coleta de dados por meio do questionário quanto na análise detalhada do contexto investigado, permitindo interpretar o fenômeno das apostas *on-line* de forma mais específica,

como a frequência de participação dos discentes, os valores gastos mensalmente, as motivações para apostar e a percepção dos impactos financeiros, emocionais e acadêmicos decorrentes dessa prática, no contexto de uma Instituição de Ensino Superior localizada no Rio Grande do Norte (Prodanov e Freitas, 2013).

Figura 03. Estrutura metodológica.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

3.2 População, amostra e coleta de dados

A população desse estudo foi composta por discentes que pertencem a uma Instituição de Ensino Superior (IES) que fica localizada no Rio Grande do Norte. De acordo com o registro acadêmico da IES, no segundo semestre de 2025, a Universidade apresenta 1.290 universitários ativos, tendo cinco cursos de graduação: Bacharelado em Ciência e Tecnologia, Bacharelado em Sistemas de Informação, Engenharia de Produção, Engenharia Civil, Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Computação.

O fechamento da amostra foi realizado por uma parcela dos estudantes, totalizando 51 participantes. A partir de uma amostragem por proporção, utilizando variabilidade máxima, esse tamanho de amostra resultou em uma margem de erro de $\pm 11,29\%$ com 90% de confiança (Bolfarine e Bussab, 2005). É importante salientar que devido à margem de erro ser maior que 10%, todas as conclusões deste trabalho foram direcionadas apenas para a amostra de discentes, não sendo realizado inferência estatística para a população.

Sobre a coleta de dados, foi elaborado um questionário composto por 22 perguntas fechadas, aplicado por meio do *google Forms* e disponibilizado aos universitários durante os meses de setembro e outubro de 2025. O formulário foi respondido de forma anônima, considerando que o tema envolve apostas e possíveis endividamentos, optando-se pela não identificação dos discentes. Para a organização das tabelas e gráficos, utilizou-se o software *Microsoft Excel*, versão 365. O questionário foi estruturado em módulos temáticos, contemplando hábitos financeiros, envolvimento com apostas *on-line*, percepção dos impactos financeiros, emocionais e acadêmicos, bem como o conhecimento e a importância atribuída à educação financeira, com o objetivo de assegurar alinhamento com os propósitos da pesquisa e possibilitar uma análise sistematizada do fenômeno estudado.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Ao aplicar a pesquisa com os discentes de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do Nordeste, observa-se que dos 51 estudantes que fizeram parte da amostra, 23 deles já apostaram

no passado ou atualmente apostam, o que totaliza 45,1% dos discentes respondentes da amostra, enquanto que os demais (54,9%) nunca apostaram (Tabela 1).

Desta forma, objetivou-se analisar os resultados em duas seções distintas: Seção 4.1, em que serão apresentadas as respostas de todos os participantes da pesquisa (os que apostam; os alunos que não apostam mais, no entanto, apostaram no passado; os discentes que nunca apostaram) e a Seção 4.2, em que serão apresentadas as respostas apenas dos discentes que nunca apostaram. Portanto, salvo questões em que era permitido mais de uma resposta por universitários, os percentuais foram calculados baseados em 51 discentes (Seção 4.1) e 23 alunos (Seção 4.2).

Tabela 1 - Análise Geral

Resposta	Frequência	%
Nunca apostou	28	54,9%
Aposta ou já apostou no passado	23	45,1%
Total	51	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Ao analisar a frequência com que os alunos gastam o seu dinheiro (Tabela 2), observa-se que mais da metade (54,9%) não gastam em apostas, porém, o segundo maior grupo (25,5%) já apostou no passado, mas não atualmente. Esse grupo é relevante, pois indica que parte dos discentes já teve contato com apostas *on-line* e optou por interromper essa prática, possivelmente em decorrência de perdas financeiras ou experiências negativas.

Tabela 2 - Frequência de Gastos em apostas dos alunos.

Resposta	Frequência	%
Raramente	2	3,9%
Às vezes	6	11,8%
Frequentemente	1	2,0%
Diariamente	1	2,0%
Já apostei no passado, mas não atualmente	13	25,5%
Não gasto dinheiro em apostas	28	54,9%
Total	51	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Mesmo que muitos universitários não apostem, a quantidade significativa que já experimentaram apostas revela que tais comportamentos estão presentes no cotidiano. Já a presença dos participantes que apostam diariamente, frequentemente, às vezes e raramente (totalizando 19,6%), como está na Tabela 2, reforça a necessidade de atenção, pois eles estão em uma possível vulnerabilidade.

Quando se trata do tempo que os estudantes praticam as apostas, observa-se que a maioria dos discentes que apostam atualmente, realizaram a mais de um ano. O que sugere que os apostadores ativos tendem a ter um perfil mais persistente, o que mantém esses comportamentos por períodos mais prolongados. O tempo em que eles estão se prolongando tende a ter mais perdas acumuladas, risco de dependência e comportamentos problemáticos. A existência de um pequeno grupo que aposta a mais de um ano enfatiza a importância de se discutir o risco, o quão vulnerável estão, impulsividade e suas consequências, como demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3 - Quantidade de tempo em que os alunos praticam os tipos de apostas.

Resposta	Frequência	%
Menos de 3 meses	1	2%
De 3 a 6 meses	1	2%
De 7 a 12 meses	2	4%
Mais de 1 ano	6	12%
Já apostei no passado, mas não atualmente	13	25%
Nunca apostei/joguei	28	55%
Total	51	100%

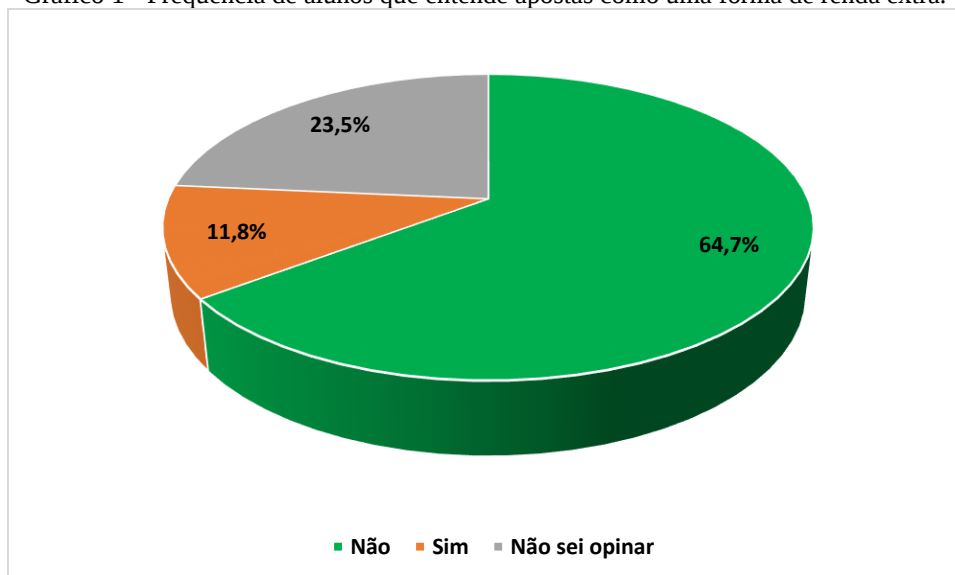
Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

4.1 Caracterização dos discentes quanto à prática de apostas *on-line*

A maioria dos discentes que esteve na amostra reconhece que as apostas não constituem uma forma de renda extra (64,7%). No entanto, 11,8% dos discentes consideram como um tipo de renda extra, ou seja, provavelmente parte desses discentes não compreende o quão imprevisível é o risco financeiro envolvido nessas apostas esportivas e que esses jogos promovem ao longo do tempo, a perda do seu investimento. Essa falta de clareza acaba trazendo decisões erradas e aumenta sua vulnerabilidade a prejuízos (Gráfico 1). O fato de que muitos estudantes acreditarem ou não sabem se as apostas podem gerar algum tipo de renda extra, pode ser uma forma de observar a força dos discursos ilusórios que são propagados pelos influenciadores e anúncios digitais.

O percentual expressivo de respondentes que assinalaram a opção “não sei opinar” (23,5%) indica uma indefinição conceitual quanto à compreensão das apostas como forma de renda extra. Esse resultado sugere que parte dos discentes apresenta conhecimento limitado ou ambíguo sobre os riscos financeiros envolvidos nessa prática, possivelmente influenciada por discursos midiáticos que prometem ganhos fáceis. Tal cenário reforça a existência de lacunas na educação financeira e a dificuldade de avaliação crítica das apostas *on-line*.

Gráfico 1 - Frequência de alunos que entende apostas como uma forma de renda extra.

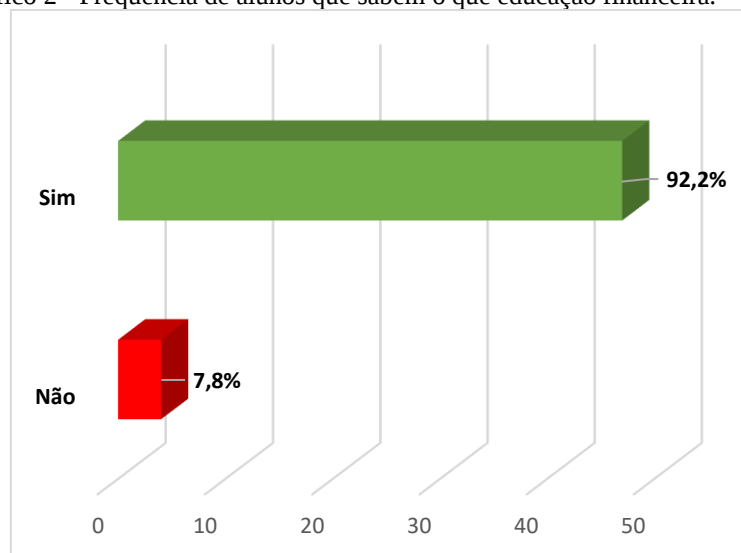


Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

Embora a maioria dos discentes afirmam que sabem o que é educação financeira, esse dado não necessariamente indica que eles saibam aplicar no seu cotidiano. Entender esses conceitos não significa ter um comportamento saudável. Quando se analisa os resultados com os outros questionários, em especial, aqueles relacionados à impulsividade, influência externa

nas apostas e nos impactos negativos, surge desta amostra um problema: existe uma discrepância entre conhecimento financeiro e a sua real prática de hábitos financeiros entre os alunos. O que gera uma contradição forte, uma vez que no Gráfico 2, observa-se que 92% dizem conhecer educação financeira, mas metade já apostou por motivação emocional, impulsiva ou até mesmo de causas externas. Essa demonstração dá indícios que o “saber” dos discentes que participaram da pesquisa é superficial e não se encaixa na em sua tomada de decisão de forma consciente.

Gráfico 2 - Frequência de alunos que sabem o que educação financeira.

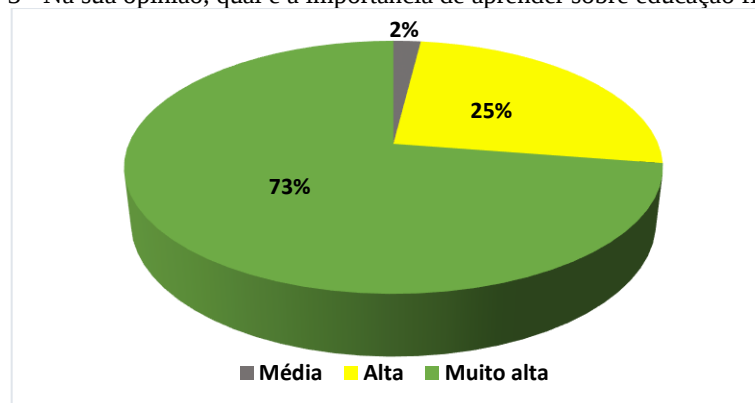


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A maioria dos universitários (73%) acredita que aprender sobre educação financeira é importante, uma vez que esse reconhecimento pode contribuir para práticas financeiras mais conscientes. No entanto, a presença de comportamentos impulsivos, a influência externa nas apostas e as dificuldades financeiras observadas na amostra sugerem que o conhecimento percebido não se converte, necessariamente, em ações práticas no cotidiano dos discentes.

Esse resultado corrobora os achados de Silva e Monteiro (2023), ao afirmarem que o simples domínio conceitual da educação financeira não garante comportamentos financeiros adequados, sendo necessária a internalização desses conhecimentos para orientar a tomada de decisão. O Gráfico 3 demonstra que os discentes atribuem alto grau de importância à educação financeira, reforçando a existência de uma lacuna entre a percepção da relevância do tema e sua efetiva aplicação prática.

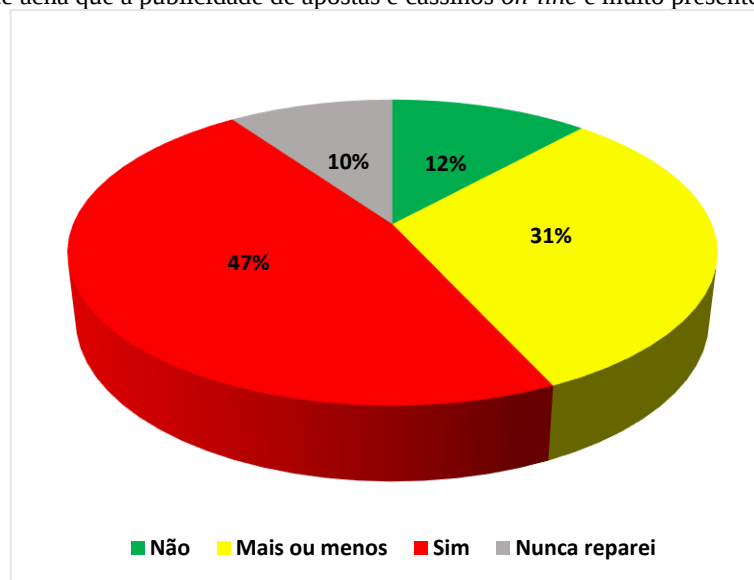
Gráfico 3 - Na sua opinião, qual é a importância de aprender sobre educação financeira?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A forte presença das publicidades de apostas no cotidiano da mídia foi percebida pela maioria dos respondentes, conforme apresentado no Gráfico 4. Essa exposição contribui para a normalização das práticas de jogo e pode aumentar a vulnerabilidade dos universitários a comportamentos impulsivos e à influência de estímulos externos. Embora muitos discentes afirmem compreender os riscos e reconhecer a importância da educação financeira, a recorrência de anúncios que associam apostas a ganhos fáceis, diversão e sucesso financeiro tende a enfraquecer o senso crítico, favorecendo a percepção equivocada de que essas práticas podem ser vistas como forma de renda ou investimento. Esses achados dialogam com estudos da área de marketing e comportamento do consumidor, que apontam que estratégias publicitárias podem distorcer a percepção de risco e impactar negativamente o bem-estar financeiro dos indivíduos, sobretudo entre jovens e universitários (Campos et al., 2024; Alves et al., 2025).

Gráfico 4 - Você acha que a publicidade de apostas e cassinos *on-line* é muito presente no seu dia a dia?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

De acordo com as Tabelas 4 e 5, analisa-se que embora os estudantes participantes da pesquisa demonstrem que reconhecem amplamente as consequências negativas, ainda mais na perda do seu controle financeiro, o endividamento e os seus impactos emocionais, isso não impedem que muitos experimentem ou tenham experimentado algum jogo de azar, motivados principalmente por curiosidade, diversão ou influência externa de algum familiar ou amigo.

Muitos dos discentes reconhecem que o problema das apostas não é somente financeiro, e sim, emocional. Como ansiedade, estresse e sofrimento psicológico, conforme apontado por Guerra (2025), ao destacar que a prática de apostas entre universitários pode comprometer a saúde mental e o bem-estar emocional, especialmente quando associada a perdas financeiras e à perda de controle sobre o comportamento de jogo.

Os universitários apontam que o acompanhamento psicológico, uso de oficinas, e disciplinas formais de educação financeira podem ajudar em diversas estratégias de conscientização; ou seja, a inclusão das disciplinas sobre educação financeira na grade curricular é importante porque existe nos universitários o conhecimento conceitual, mas ainda falta espaço formal para a sua aprendizagem. Os participantes percebem que uma disciplina obrigatória ajudaria a transformar a teoria em prática.

Tabela 4 - Quais são as principais consequências de gastar dinheiro em apostas ou cassinos *on-line*?

Resposta	Frequência	%
Perda de controle financeiro	44	26,5%
Endividamento	40	24,1%
Prejuízos emocionais como ansiedade e depressão	37	22,3%
Problemas familiares ou sociais	24	14,5%
Dificuldades acadêmicas ou no trabalho	12	7,2%
Isolamento social	7	4,2%
Nenhuma consequência	2	1,2%
Total	166	100,0%

Nota: Percentuais calculados baseado em 166 respostas, uma vez que cada aluno pode marcar mais de uma opção.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Tabela 5 - O que pode ser feito para conscientizar os alunos sobre os riscos de apostas e a importância da educação financeira?

Resposta	Frequência	%
Acompanhamento psicológico para quem já sofre com vício em apostas	37	24,0%
Campanhas educativas nas redes sociais e no ambiente escolar	34	22,1%
Inclusão de disciplinas sobre educação financeira na grade curricular	32	20,8%
Oficinas práticas de planejamento financeiro	26	16,9%
Depoimento de pessoas	25	16,2%
Total	154	100,0%

Nota: Percentuais calculados baseado em 154 respostas, uma vez que cada aluno pode marcar mais de uma opção.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Com base na Tabela 6, a maioria dos discentes compreende que a necessidade de desenvolver competências que os ajudem a lidar com questões financeiras, porém, essa percepção não se converte de forma clara em atitudes e comportamentos preventivos, pois conforme dito em outras questões de pesquisa, muitos discentes ainda apresentam dificuldades no seu planejamento financeiro. Logo, os dados indicam uma contradição, onde embora os indivíduos da amostra saibam a importância, sua formação atual não foi o suficiente para promover mudanças práticas em sua vida de forma consistente, o que indica uma lacuna entre o que sabem e o que conseguem aplicar no seu cotidiano.

As categorias apresentadas na Tabela 6 referem-se à autopercepção dos discentes quanto ao nível de importância atribuído ao desenvolvimento de competências financeiras. A opção “pouca” indica baixo reconhecimento da necessidade de tais competências no cotidiano financeiro; “média” corresponde a uma percepção moderada, sem associação clara com mudanças de comportamento; “alta” representa o reconhecimento da relevância dessas competências para a organização financeira pessoal; e “muito alta” expressa a compreensão de que tais competências são essenciais para a tomada de decisões financeiras responsáveis e para a prevenção de comportamentos de risco, como o endividamento e as apostas *on-line*.

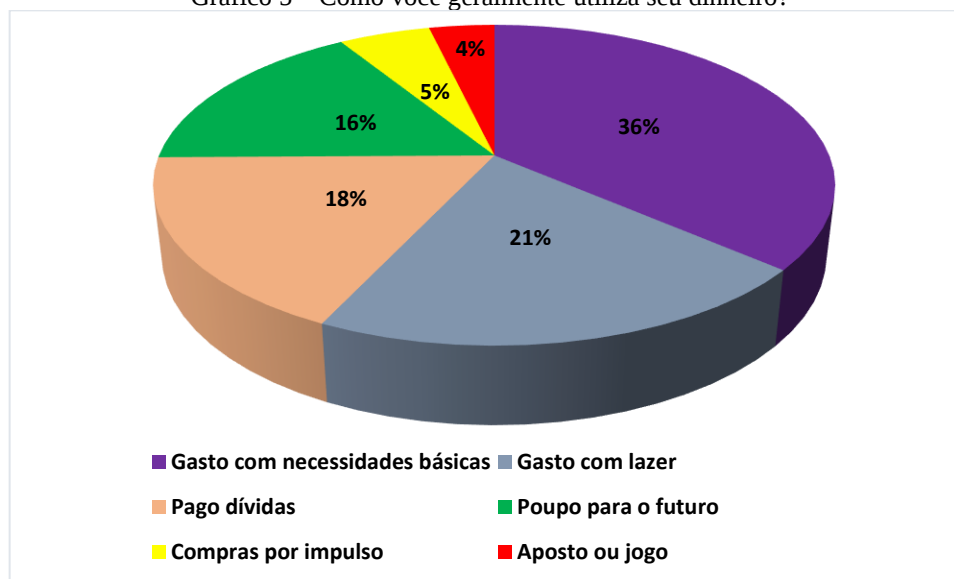
Tabela 6 - Quantidade de tempo em que os alunos praticam os tipos de apostas.

Resposta	Frequência	%
Pouca	1	2,00%
Média	1	2,00%
Alta	16	31,40%
Muito alta	33	64,70%
Total	51	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No Gráfico 5, ao ser questionado sobre o destino que utiliza o dinheiro, a maior prioridade dos entrevistados é o gasto com necessidades básicas, representando 36%. Em segundo e terceiro lugar, estão o gasto com lazer (21%) e o Pagamento de dívidas (18%), respectivamente, indicando uma inclinação maior para despesas e compromissos presentes do que para o futuro. A intenção de poupar para o futuro ficou em 16%, mostrando que a segurança financeira de longo prazo é a quarta prioridade.

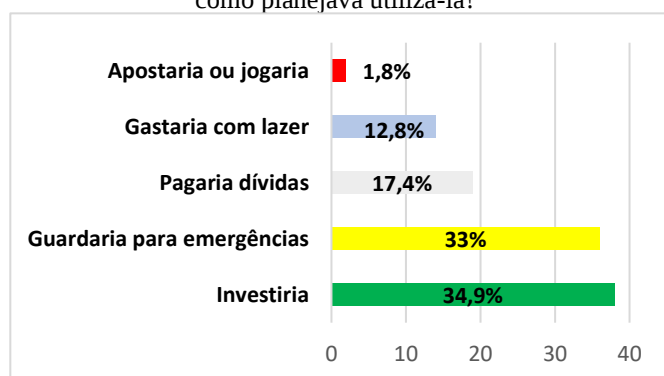
Gráfico 5 – Como você geralmente utiliza seu dinheiro?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Ao analisar o Gráfico 6, observa-se as respostas dos universitários que responderam a pesquisa, sobre a pergunta do que faria, caso recebesse 10 mil reais. Percebe-se que os discentes não usariam para apostar, a maioria guardaria ou tentaria investir esse dinheiro em algo. Porém, pode ser de certo modo contraditório, uma vez que na Tabela 7, ao indagar se já possuíam algum tipo de investimento, a maior parte dos entrevistados informou não possuir nenhum tipo. De forma geral, esses dados apresentam indícios que o acesso ao entendimento sobre investimento ainda é bem restrito, já que o conhecimento deles em educação financeira pode ter lacunas, como já explicado na Tabela 6. Isso reforça também a necessidade de incentivar disciplinas, oficinas e práticas para preparar os alunos para melhor gestão e tomada de decisões sobre o seu próprio dinheiro.

Gráfico 6 - Caso recebesse uma quantia de dez mil reais hoje, como planejava utilizá-la?



Nota: Percentuais calculados baseado em 109 respostas, uma vez que o aluno pode marcar mais de uma opção. Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

Tabela 7 - Atualmente, possui algum tipo de investimento?

Resposta	Frequência	%
Sim, em renda fixa	7	13,70%
Sim, em renda variável	1	2,00%
Sim, em renda fixa e renda variável	3	5,90%
Sim, invisto no agro	1	2,00%
Sim, em criptomoedas	1	2,00%
Não possuo nenhum tipo de investimento	38	74,50%
Total	51	100,00%

Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

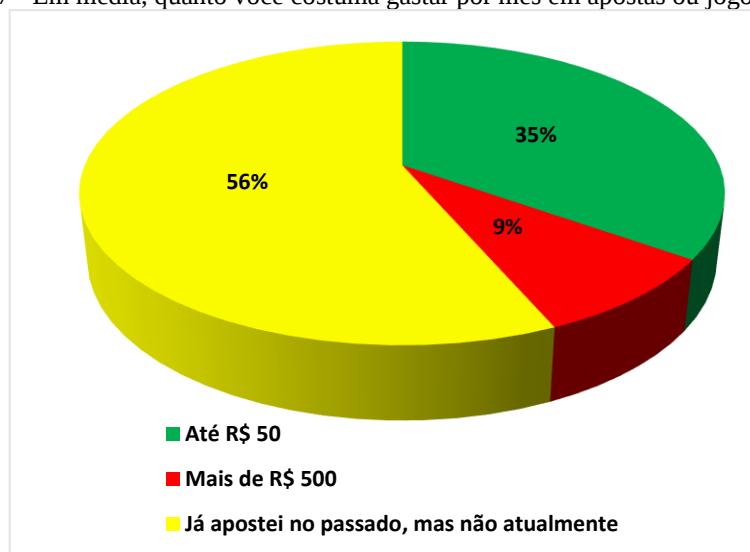
4.2 Alunos que apostam/apostaram no passado

A maioria dos discentes tem um perfil mais conservador, o que pode ser um fator positivo, uma vez que fica claro que os riscos de perda são grandes. No Gráfico 7, observa-se

que o apostador chega a gastar até R\$ 50,00 por mês, consequentemente, tem um perfil de impacto financeiro menor, o que indica que eles estão tentando limitar suas perdas, e/ou, não sente tanta confiança no retorno. Porém, há um grupo pequeno de apostadores pertencentes na amostra que gasta mais de R\$ 500,00 mensalmente. Mesmo sendo um grupo pequeno, ele ainda é relevante, uma vez que representa quase 10% da amostra. além disso, esse padrão de gasto elevado pode estar associado à impulsividade, risco de comportamento compulsivo e pode causar endividamento.

Ressalta-se que o questionário contemplou apenas o valor médio mensal gasto em apostas, não incluindo uma pergunta específica sobre o montante total já perdido pelos discentes ao longo do tempo. Essa ausência limita uma avaliação mais precisa do impacto financeiro acumulado das apostas, uma vez que perdas sucessivas podem ocorrer mesmo com gastos mensais aparentemente baixos.

Gráfico 7 - Em média, quanto você costuma gastar por mês em apostas ou jogos de azar?

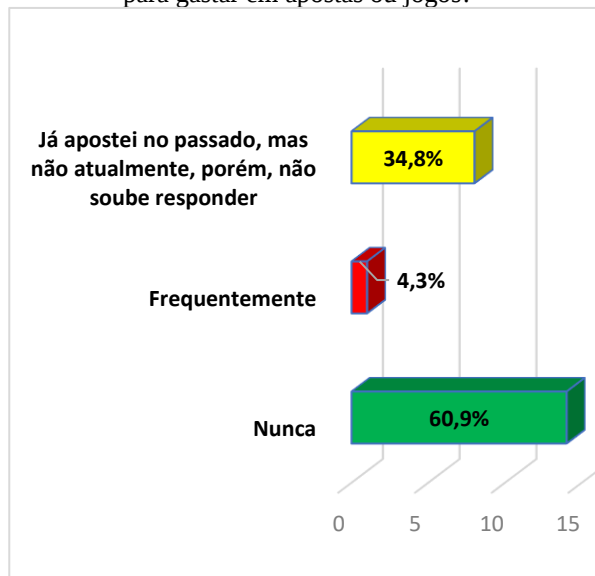


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A maioria dos universitários que participaram da amostra não estão em estado de extremo risco, mas ainda há registros de comportamento prejudicial, mesmo sendo isolado (Gráfico 8). Na amostra, muitos participantes da pesquisa já chegaram a apostar no passado, porém, muitos deles não souberam responder corretamente se já chegaram a se endividar no passado (Gráfico 9). Portanto, a incerteza destas respostas podem ser indícios que no período em que apostam, não sabiam controlar seus gastos, o que aumenta o risco de endividamento.

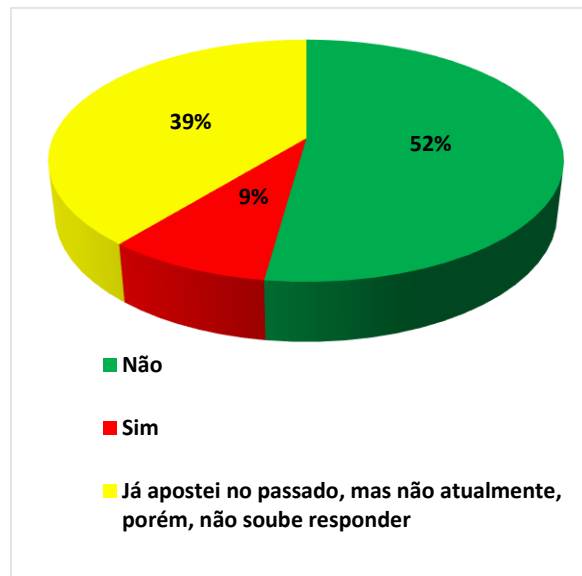
A dificuldade em responder sobre endividamento pode estar associada ao baixo nível de internalização da educação financeira, aspecto recorrente em estudos sobre discentes apostadores. Embora a maioria dos respondentes tenha afirmado conhecer ou atribuir alta importância à educação financeira, os resultados indicam que esse conhecimento não se traduz, necessariamente, em capacidade de monitorar gastos, avaliar perdas acumuladas ou reconhecer prejuízos decorrentes das apostas. Esse desalinhamento entre percepção de conhecimento financeiro e comportamento prático contribui para a subestimação dos impactos das apostas, evidenciando que a falta de educação financeira aplicada compromete a identificação dos próprios prejuízos.

Gráfico 8 - Já deixou de comprar algo essencial, como alimentação, material de estudo ou transporte, para gastar em apostas ou jogos?



Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

Gráfico 9 - Você já se endividou por causa de apostas ou jogos de azar?

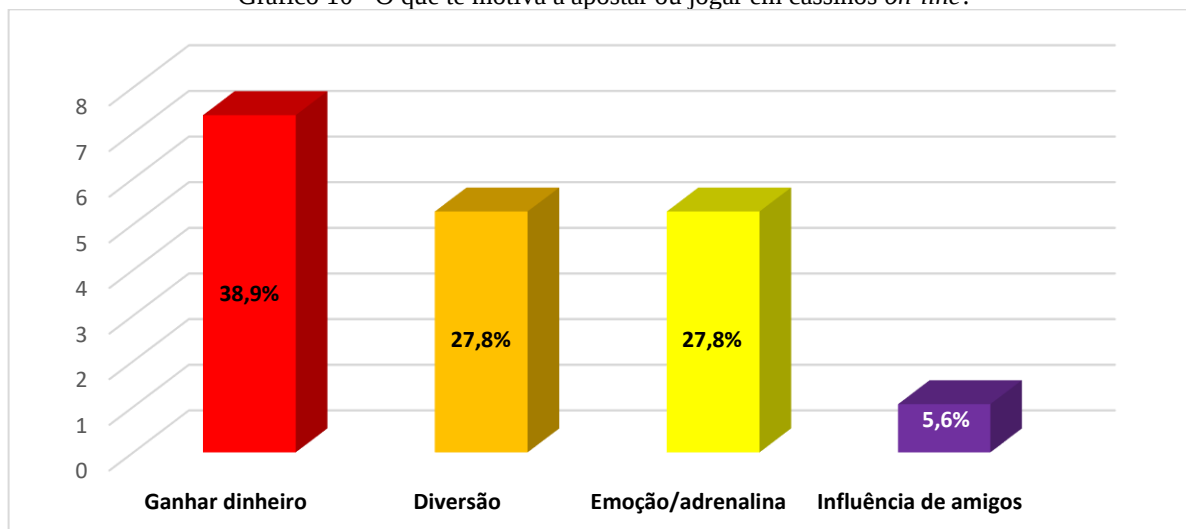


Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

Sobre questões motivacionais (Gráfico 10), a maioria dos que participaram da amostra enxergam as apostas como uma oportunidade de rendimento financeiro, ainda que isso represente um risco elevado, já que a probabilidade de perda é maior que a de ganho. Motivações com de adrenalina e emoção podem parecer mais inofensivas, mas elas ocultam riscos importantes.

Quando o jogo é interpretado como entretenimento, os indivíduos tendem a subestimar os prejuízos financeiros, normalizar comportamentos de risco e ignorar sinais de perda de controle, uma vez que a percepção de diversão reduz a avaliação crítica dos riscos envolvidos, conforme apontam Khatib (2024) e Alves et al. (2025) ao analisarem o comportamento de universitários frente às apostas *on-line*.

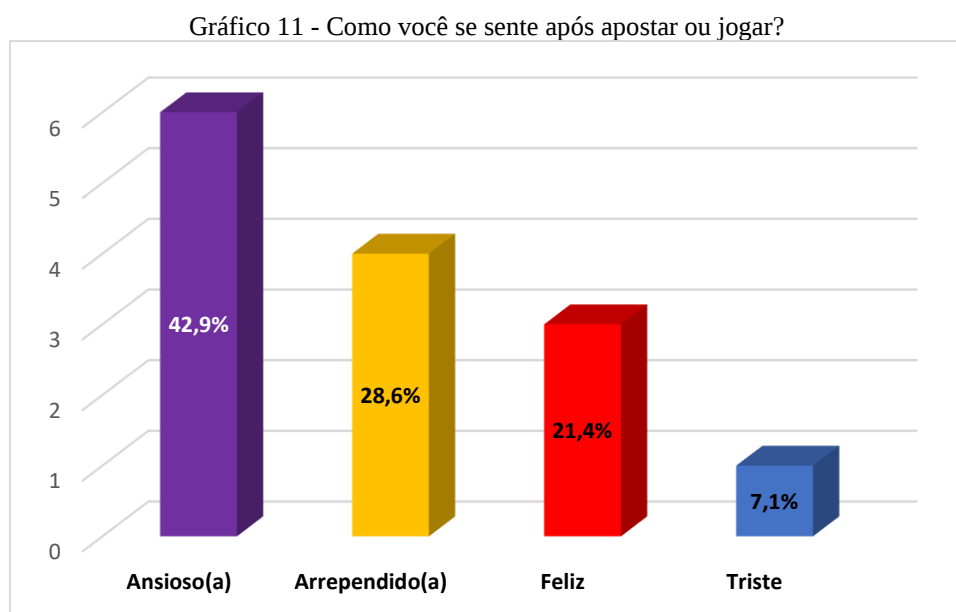
Gráfico 10 - O que te motiva a apostar ou jogar em cassinos *on-line*?



Nota: Percentuais calculados baseado em 18 respostas, uma vez que cada aluno pode marcar mais de uma opção.

Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

A maioria dos apostadores que estiveram presentes na amostra revelam que a maior parte deles se sentem ansiosos, o que reforça a ideia de que a prática não é percebida como uma atividade plenamente tranquila, mas sim, como um comportamento que gera insegurança (Gráfico 11). Se a maioria das emoções são negativas, por que as pessoas continuam apostando mesmo sabendo que isso desencadeia um mal emocional? Isso pode gerar um ciclo de comportamento de risco, em que aquele prazer ao jogar, que é temporal, não compensa para o emocional.

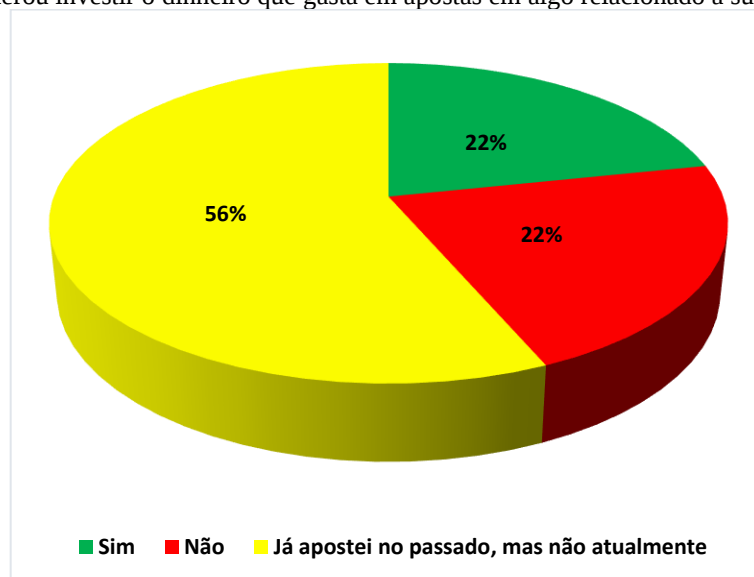


Nota: Percentuais calculados baseado em 14 respostas, uma vez que cada aluno pode marcar mais de uma opção.
Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

Apesar do acesso crescente à informação e a educação, os alunos ainda conseguem relacionar suas práticas financeiras de curto prazo com seus objetivos de futuro. O dado de que apenas 21,7% consideram investir o dinheiro gasto em apostas em algo educativo, evidencia uma lacuna na informação financeira, na sua maturidade emocional e na sua visão de impacto financeiro das apostas (Gráfico 12).

Ainda sobre o Gráfico 12, observa-se que 56% da amostra citou que já apostou no passado, mas atualmente não aposta mais. Esse dado é relevante, visto que não há garantia de que houve algum aprendizado financeiro ou na sua mudança de comportamento, o que se nota, é que o problema não é só apostar, mas sim, a falta de consciência sobre o custo de alguma oportunidade. Apostas normalmente servem para dar uma sensação de imediato no seu ganho potencial. Já em contrapartida, o investimento, por exemplo, é lógico e previsível, ou seja, mesmo sendo lento, ainda assim, dá retorno.

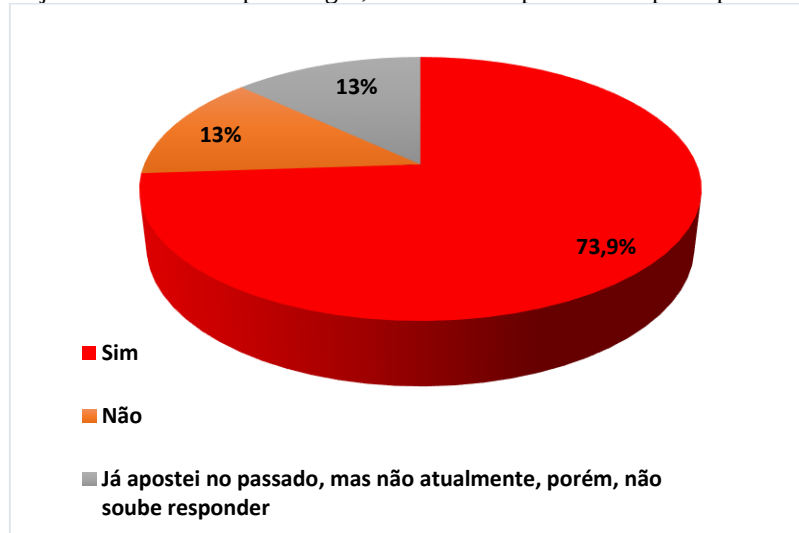
Gráfico 12 - Considerou investir o dinheiro que gasta em apostas em algo relacionado à sua educação ou futuro?



Fonte: Elaborado pelo o autor (2025).

Em jogos de azar, o alto índice de alguma influência externa indica que o comportamento de aposta está cada vez mais extrapolando a esfera de entretenimento individual e se tornando cada vez mais um fenômeno social (Gráfico 13). Isso pode representar um risco à saúde financeira entre discentes, que tomam decisões não baseadas em consciência, mas por estímulos externos, podendo criar culturas de apostas que se sustentam na pressão social e no marketing agressivo de mídias sociais. Os dados revelam que a decisão de apostar não surge de forma isolada, mas fortemente influenciados por fatores sociais criado pelas mídias.

Gráfico 13 - Você já foi influenciado por amigos, familiares ou publicidade para apostar ou jogar?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na amostra que foi realizada, foram perguntadas para os discentes como eles tomam decisões de gastar dinheiro. Analisando o Gráfico 14, pode-se observar que dos 51 universitários que participaram da pesquisa, 13% citaram que já apostaram por impulsividade. Mesmo sendo um grupo pequeno, esse percentual não deve ser subestimado, uma vez que a impulsividade é reconhecida como um dos principais gatilhos associados a prejuízos financeiros e à adoção de comportamentos de risco em contextos de apostas, conforme

destacam Alves et al. (2025) ao analisarem o comportamento de universitários frente a decisões financeiras sob risco. A impulsividade está relacionada a um tipo de alívio emocional, frustração ou necessidade de dopamina. Ainda acerca do Gráfico 14, também se verifica um grupo que apostou no passado, mas não aposta atualmente. Diante deste grupo, pode-se realizar a seguinte reflexão da existência de três possíveis cenários: (1) apostadores que pararam por consciência ou prejuízo; (2) apostadores que estão em pausa; (3) apostadores que tentam esconder a impulsividade ou sua falta de controle.

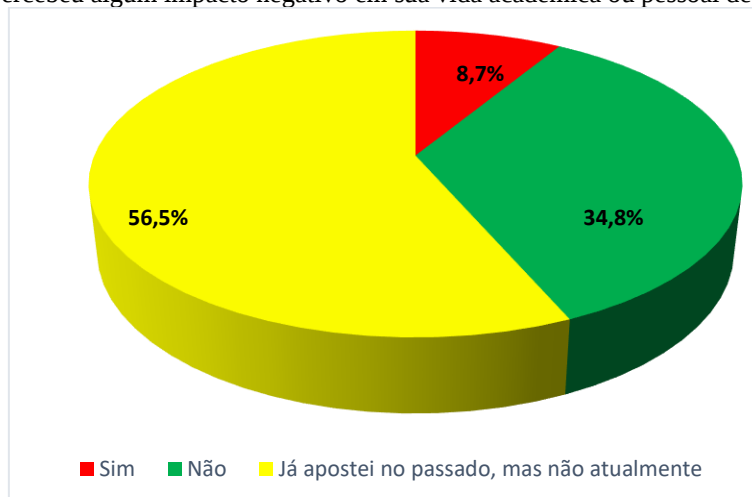
Gráfico 14 - Como você costuma tomar decisões sobre gastar dinheiro em apostas?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No Gráfico 15, foi perguntado sobre a possibilidade de ter ocorrido algum impacto negativo devido ao hábito de apostar. Pode-se observar que existe um número baixo (8,7%), porém, não necessariamente esse percentual retrata com fidelidade a amostra estudada, uma vez que pessoas normalmente sentem dificuldades para reconhecer seus impactos negativos e/ou seus fracassos, como também, eles podem ter tendências psicológicas de minimizar ou negar impactos para não enfrentar o problema. Além disso, também há a possibilidade de parte destes apostadores não terem constatado, ainda, esses impactos, que não necessariamente são imediatos. Em muitos casos, os efeitos só aparecerão de forma acumulada.

Gráfico 15 - Você já percebeu algum impacto negativo em sua vida acadêmica ou pessoal devido às apostas?



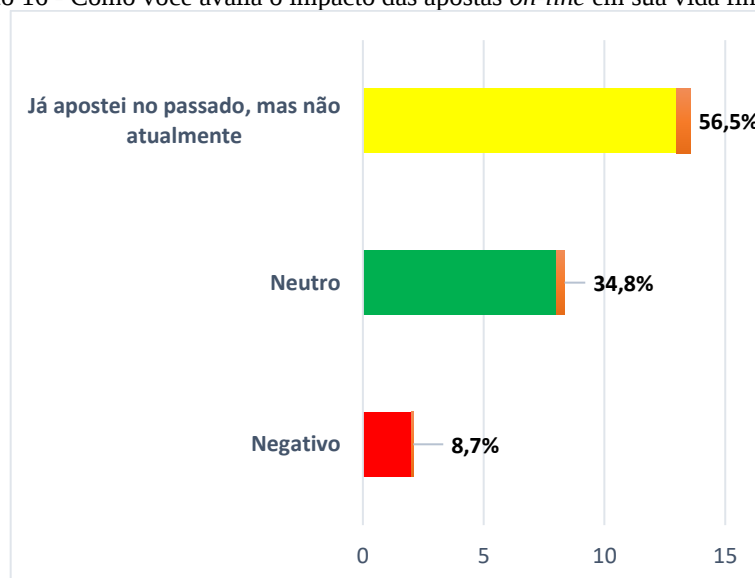
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Ainda analisando o Gráfico 15, verifica-se também o grupo de apostadores universitários que informaram que não tiveram impacto negativo. É possível que de fato não tenham ocorrido impacto negativo em todo o grupo, ou, também é possível que parte destes discentes não tenha associado o comportamento de apostar às suas dificuldades. Essa falta de associação pode ser tanto intencional, quanto não intencional. Caso tenha ocorrido uma falta de percepção, essa falta não significa a sua ausência de impacto.

Os impactos das apostas *on-line* na vida financeira dos universitários podem indicar muitas situações analíticas, desde a falta de percepção, como atenção especial. No Gráfico 16, observa-se que 8,7% avalia o hábito de apostar como negativo. Esse baixo percentual não necessariamente significa que o impacto é pouco representativo, pode também ser um indício de que o impacto não é reconhecido pelos apostados, seja de forma intencional ou não intencional. O grupo que pensa de forma mais neutra é o mais ambíguo e por isso é o que merece a atenção especial.

O impacto da neutralidade pode indicar que a pessoa provavelmente perdeu dinheiro, mas considera isso como “normal” ou até mesmo “aceitável”. Não se pode desconsiderar a possibilidade dessa pessoa não acompanhar a sua perda e seus ganhos, impossibilitando a detecção dos impactos. Além do que, também não se pode desconsiderar a possibilidade dessa pessoa ter naturalizado pequenas perdas, o que pode ter sido motivado pelo fato de que o apostador já ter ganhado algumas vezes e achar que isso equilibra os seus prejuízos.

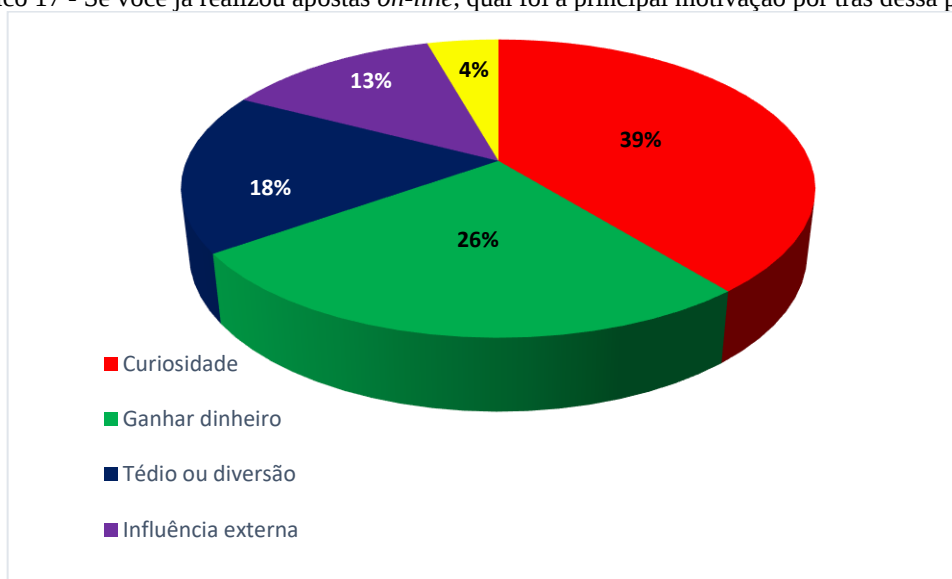
Gráfico 16 - Como você avalia o impacto das apostas *on-line* em sua vida financeira?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Ao verificar a percepção do estudante, em relação a termos motivacionais (Gráfico 17), a amostra revela que as apostas surgem de uma decisão financeira, mas quando se analisa fatores sociais, como por exemplo, curiosidade, tédio e influência externa, pode-se observar um problema: a maioria dos alunos iniciam suas apostas sem avaliar os riscos, confundindo entretenimento com oportunidade de lucro, tornando os mais vulneráveis a perdas financeiras e comportamentos impulsivos.

Gráfico 17 - Se você já realizou apostas *on-line*, qual foi a principal motivação por trás dessa prática?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Pelo o fato de que a curiosidade ser o maior motivador (39%), observa-se que a entrada nas apostas pode acontecer antes mesmo da pessoa compreender suas consequências. Normalmente, a decisão pode não vir de um planejamento, sendo impulsionada por ações externas, emoções e experimentações. É um cenário que reforça a problemática central deste estudo, em que os discentes começam a apostar sem consciência financeira, o que os deixa muito vulneráveis a riscos que só percebem posteriormente, sendo nos piores casos, quando estão consideravelmente endividados e já viciados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a influência das apostas *on-line* na vida financeira de discentes de uma universidade federal do Nordeste, considerando suas percepções, comportamentos financeiros e a relação com a educação financeira. A partir dos resultados obtidos, foi possível compreender como essas práticas têm sido incorporadas ao cotidiano dos discentes e de que forma são interpretadas como estratégia financeira, e não apenas como entretenimento.

Os achados indicam que uma parcela relevante dos estudantes enxerga as apostas *on-line* como uma possibilidade de aumento de renda, especialmente entre aqueles pertencentes a faixas de menor rendimento mensal. Essa percepção representa um fator de risco relevante, uma vez que o jogo passa a ser compreendido como alternativa financeira, o que pode ampliar a exposição ao endividamento e à perda de controle dos gastos. Tal resultado evidencia uma vulnerabilidade financeira, na qual o desejo por renda extra se sobrepõe à avaliação crítica dos riscos envolvidos.

Embora muitos discentes afirmem reconhecer a importância da educação financeira e demonstrem algum nível de conhecimento sobre o tema, os resultados revelam uma dissociação entre saber e agir. Comportamentos impulsivos, dificuldades de planejamento financeiro e a falta de percepção das perdas acumuladas indicam que esse conhecimento não se converte, de forma consistente, em práticas financeiras responsáveis. Esse desalinhamento contribui para a normalização das apostas e para a subestimação de seus impactos financeiros e emocionais.

Outro aspecto relevante identificado diz respeito à influência do marketing digital das plataformas de apostas. A forte presença de publicidades no ambiente digital universitário sugere que as estratégias de marketing têm sido eficazes em moldar a percepção dos

universitários, associando apostas a ganhos fáceis, diversão e sucesso financeiro. Essa narrativa tende a enfraquecer o senso crítico dos estudantes e reforça a percepção equivocada de que as apostas podem ser vistas como investimento, ampliando os riscos de endividamento.

Dessa forma, os resultados demonstram que a vulnerabilidade dos estudantes frente às apostas *on-line* não se explica apenas pela ausência de educação financeira formal, mas pela combinação entre fragilidade socioeconômica, busca por aumento de renda e forte influência publicitária. Esses fatores, quando associados, intensificam os impactos negativos das apostas, tanto no aspecto financeiro quanto emocional, reforçando a necessidade de ações preventivas e educativas no ambiente universitário.

Como limitações do estudo, destaca-se o tamanho da amostra, composta por 51 respondentes, o que restringe a generalização dos resultados para a totalidade dos estudantes da instituição. Além disso, as análises relacionadas aos aspectos emocionais basearam-se exclusivamente na autopercepção dos discentes, não sendo possível realizar uma avaliação clínica especializada.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras ampliem a amostra, incluindo outras instituições de ensino superior, bem como adotem abordagens qualitativas que permitam compreender de forma mais aprofundada as motivações e percepções dos universitários. Recomenda-se ainda o aprofundamento das análises sobre o papel do marketing e da publicidade de apostas na construção da percepção de risco e ganho, assim como a inclusão de acompanhamento psicológico para melhor compreensão dos impactos emocionais associados às apostas *on-line*.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Brasileiros precisam de educação básica em finanças, diz especialista**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2023-01/brasileiros-precisam-de-educacao-basica-em-financas-diz-especialista>. Acesso em: 01 nov. 2025.

ALVES, I. V.; ALVEZ, I. V.; VILARINHO, L. C. L. V.; NETO, J. S. S.; MAGALHÃES, R. Apostas online e educação financeira: estratégias de conscientização para jovens universitários. IX Congresso Internacional de Gestão e Tecnologias, 2025.

AREVALO, A. D. Análise do conhecimento em educação financeira: um estudo com foco no perfil financeiro dos acadêmicos do curso de administração do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas. 2023. Disponível em: https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/6784/5/TCC_AlesandraDomingosArevalo.pdf. Acesso em: 05 nov. 2025.

BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. **Elementos de amostragem**. São Paulo: Blucher, 2005.

CAMPOS, C. R.; PERIN, A. P.; PITA, A. P. G. Educação estatística, educação financeira e educação fiscal no estudo das apostas online. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, Brasília, v. 14, n. 3, 2024.

DUQUE, M. S. **A farra das apostas online – bets**. 2024. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/dinamica-constitucional/415180/a-farra-das-apostas-online--bets>. Acesso em: 31 out. 2025.

GOVERNO FEDERAL. **Receber o Bolsa Família**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/receber-o-bolsa-familia>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GUERRA, D. R. F. **No mundo das BETS: percepções de estudantes universitários sobre as apostas esportivas em seu cotidiano**. 2024. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/8385>. Acesso em: 5 nov. 2025.

KHATIB, A. S. E. **Diversão ou armadilha? Um estudo exploratório das apostas esportivas (bets) entre universitários brasileiros sob a lente da teoria do comportamento planejado (TCP)**. 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/10133>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LAVES, J. **Envolvimento em jogos de azar entre os alunos do 3º ano do ensino médio de escolas públicas de Manaus: a relevância da educação financeira para evitar decisões equivocadas**. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024. Disponível em: https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/7718/4/TCC_JéssicaLaves.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

MACHADO, D. R. **Educação financeira nas escolas de Porto Alegre**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MOVIMENTO ECONÔMICO. **Nordeste lidera preocupações com impacto das apostas online**. 19 dez. 2024. Disponível em: <https://movimentoeconomico.com.br/bets/2024/12/19/nordeste-lidera-preocupacoes-com-impacto-das-apostas-online>. Acesso em: 31 out. 2025.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisas e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2013.

SILVA, B. A. B.; MONTEIRO, J. M. Educação financeira: um estudo sobre a sua importância na gestão pessoal. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, 2023.

SOARES JÚNIOR, C. A.; BERTO DE LIMA, L.; GREATTI, L.; MEURER SELA, V. Educação financeira nas escolas: um estudo sobre as ações implementadas nas escolas de ensino médio na microrregião de Maringá-PR. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 5, 2021.

SOUSA, R. de A.; LOBÃO, M. S. P.; FREITAS, R. G. de A. Educação financeira à luz da BNCC: concepções de docentes do ensino profissional e tecnológico. **Educação e Pesquisa**, v. 49, p. e251296, 13 mar. 2023.

VIEIRA, S. F. A. et al. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 9, 2011.